

FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: O CORPO PRESENTE-AUSENTE NO ENSINO REMOTO

Francine Nazário-Silva

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov21>

Pensar o corpo presente-ausente, em tempos de distanciamento social e, assim, considerar as aulas de maneira virtual, oportuniza questionar sobre: quais as relações desse corpo na formação inicial docente durante o ensino remoto? Com um corpo pensante, movente, presente e até mesmo ausente, que escuta e dialoga com profissionais da área da educação, propiciados por um lugar/espço conhecido como universidade.

É um momento atípico na formação docente. Muitos e muitas estarão e almejam estar lá, na escola, mesmo em outro formato – como estamos presenciando neste momento pandêmico. “É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE, 1996, p. 25). O ano é 2020, alguns em seu último ano de formação para entrar em uma sala de aula ou no *classroom* (espaço virtual de aprendizagem adotado durante a pandemia em muitas escolas da educação básica no Brasil), pois muitos e muitas estão e já estavam – mesmo antes da covid-19 – se preparando para serem professores e professoras em atuação.

O ano ainda é 2020, e o assunto é o corpo no movimento da formação acadêmica. Um corpo que estava em um ritmo acelerado, desenfreado, sem tempo; aquele que habita lugares físicos e agora ocupa espaços virtuais. “Lugares fixos, conhecidos ou confortáveis, são trocados por não lugares, lugares de passagem, lugares virtuais, lugares que nos impõem outros tipos de troca.” (CANTON, 2009, p. 58).

Para qual lugar/espço está caminhando a formação inicial docente? É um percurso com novas experiências para a educação, possibilidades ao ensino e inovadoras alternativas de aprendizagem. O que apresenta chances

outras de perceber as relações com os corpos, eles que ocupam de alguma forma os lugares/espacos, pois estão presentes mesmo com a ausência da sua materialização de estar, mas que não deixa de ser. É um corpo desacomodado, por estar incomodado.

Não cabe aqui, falar de um corpo inerte, o distanciamento social não permite a inércia. Mas pensar como o corpo presente-ausente se apresenta de maneira síncrona e assíncrona como protagonista da sua formação docente. É o momento que a autonomia, e a necessidade dela, é exposta. Afinal, como se dá o processo formativo desse corpo presente-ausente nas aulas mediadas por tecnologia? Quais são as suas dificuldades? Como ele se comunica?

As possíveis reflexões sobre a aparente substituição desse corpo por meio da escrita que expressa para além dele. Como estão ocorrendo essas aprendizagens entre a escrita (materialização) e o corpo (desmaterialização)? Os corpos não mais moventes e atuantes no lugar/espaço da universidade, mas que continuam fazendo parte da formação profissional e humana. O que leva a pensar e repensar sobre as limitações da representação única do conhecimento; razão pela qual, o corpo vem sendo esquecido na escola, acreditando que o corpo e a mente são soltos/separados/dois.

O ano é 2020, parecia supérfluo, mas é sentido na pele a relevância do corpo, a necessidade da autonomia e a importância do protagonismo no ensino para o processo da aprendizagem nos diversos lugares/espacos.

REFERÊNCIAS

CANTON, Katia. *Espaço e lugar*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.